

*“Enfim, compreendi o que a minha alma tanto queria dizer.
E traduzi tudo em Poesia, minha linguagem favorita”*

Telly Belito

CLEÓPATRA

Prosas & poesias



Prosas e poesias

CLEÓPATRA

Telly Belito

Ficha Técnica:

Título: Cleópatra

Autor: Telly Belito

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Goudy Old Style 12

Capa: Anselmo Zirka

Revisão dos Textos: Abílio Lupenha

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	6
PREFÁCIO	8
INFELIZ I	10
INFELIZ II	12
AMAR	14
BORBOLETAS.....	16
A ÁRVORE DE CASA.....	18
CABELO	20
NO SEU INTERIOR	22
OUTRO TEXTO I.....	24
OUTRO TEXTO II	26
O PLANO.....	28
CHUVA.....	30
CARTA.....	32
O REI	34
OUTRO TEXTO AZUL	36
TOM.....	38
APOSENTADO	40
PELE	42
O ENCONTRO	44

ESTRELAS.....	46
AQUELES SONHADORES	48
E SE EU... ..	50
FOGUEIRA I.....	52
FOGUEIRA II	54
DANÇA.....	56
FLORES I	58
FLORES II	60
A FARSA	62
O CAMINHANTE	64
UM SÓ	66
VIVA	68
CANTA MEU PEITO	70
POETIZAR.....	72
A NOSSA CANÇÃO I.....	74
A NOSSA CANÇÃO II	76
A DESPEDIDA.....	78
ARDE	80
CLEÓPATRA	82
AUTOBIOGRAFIA.....	84

AGRADECIMENTOS

A uma identidade anónima pelo incentivo e por fazer ressurgir o desejo de escrever, de alguma forma as ideias para os textos foram as conversas inspiradoras e os acontecimentos vivenciados e não só...

Ao Mecenas "**ÁGUA PRECIOSA**" não esquecendo a ***ASA HUÍLA***
ACADEMIA DE AUTORES DA HUÍLA / LUBANGO / ANGOLA.



PREFÁCIO

É um grande prazer estar escrevendo o prefácio dessa magnífica obra! Acreditem, saberão por que a chamo de magnífica.

Acho que Mia Couto tinha razão quando disse que "a poesia não é um gênero literário, é um idioma anterior a todas as palavras", porque é isso que a mesma (poesia) nos faz sentir! Um mundo além do nosso, uma pitada de algo maior, e poemas como os de Telly Belito fazem jus a essa tese.

A autora tem uma forma única de dançar com as palavras, beijar as rimas e acariciar com profunda gentileza cada sentimento. Faz tempo que eu não lia uma boa poesia, e quando Telly me falou que estava preparando um livro, sequer fazia ideia que era um espelho da alma.

Não vou mentir, eu li alguns poemas em primeira mão, e sinto que minhas humildes palavras são vagas de mais para descrever a imensidão de "Cleópatra", um livro para ser eternizado. Não em prateleiras, revistas, jornais, galerias, conversas... Mas bem no fundo do âmago, pois, dá para sentir o gosto da pureza que a autora colocou em cada uma das páginas. Talvez esse seja só mais um livro sobre Prosa e Poesia, ou talvez, seja O livro sobre Prosa e Poesia que vale a pena reler.

Sou grato pelo convite, e repito, é um enorme prazer ter algo escrito por mim nesse tesouro da poesia Angolana.

Os textos, poemas e prosas desse livro são um convite para as nuances das paranóias da autora, que de certa forma são traduções do que a mente de cada um de nós já tentou dizer ao menos uma vez na vida! Um livro sobre amores, dores, temores e muito mais.

Cleópatra!

Anselmo Zirka.

E se um sentimento reprimido se tornasse poesia?

Cortasse profundamente cada negatividade, transformasse num campo cheiíssimo de pureza talvez uma mera fantasia, um sonho enigmático guardado no fundo do iceberg, onde cada segredo, cada desejo é revelado nas palavras, nos pontos, nas vírgulas, nas reticências, no que for, talvez mesmo em nada.

Ou uma linda lembrança eternizada em palavras guardada para não ser extinta, contada com emoção lida de um narrador ou um contador de estórias, e num mundo onde as coisas estão guardadas no coração, voltada para o universo num tanque de verso e de sentimentos dispersos.



INFELIZ I

Olha tu ao teu reflexo
nu e que a tua alma
diga a verdade que se
simpatiza contigo
tudo suaviza

Fala o mais alto
dos falantes
que mesmo sem voz
outros tons enuncia
mas sobre ele mesmo
não
denúncia e o efeito
todo veloz cai e o
prefeito das acções

Conta-me os detalhes
os mais minuciosos talvez
os mais miraculosos com ou
sem atalhos os caminhos
perdidos dos homens os
mais misteriosos sem
espelho sem reflexo
reflcete no seu interior
o que há de belo no
teu horizonte o
mais breve de ti



INFELIZ II

E no engano do
caminho vão despe-se
da sua nudez sem
vangloria atitude
pequenês já não
reclama
o infeliz
nos seus actos sem altos
quebrantados no âmago

Sem adeus jura aos
seus que o regresso
não tardará se ao
anoitecer à flor da
pele range o desejo
inqueito que pulsa
o coração sem vida de
saudade lamenta
com lágrimas enchendo
rios



AMAR

Quando o dia sorriu para nós
E foram trocadas juras talvez de amores
Encontrar em cada pedaço do rosto um novo raiar
O brilho que se intensifica a cada pestanejar
O aconchego dos braços firmes e avassaladores
A boca que diz em beijos poesias
O corpo que é amado ao se doar em outro amor Tudo
loucamente chamado de amor...
Amor para quem sabe amar
Até mesmo para quem não sabe dar
São soltos, não há quem o agarre
É quente ao frio
Aquele que se permite explorar
Apreciar e nunca guardar
Outros que se permitem viver
E nunca prender
Permite-se desejar e nunca possuir



BORBOLETAS

Será que era mesmo aquilo que sentia?
Competia com desejo melindroso indiscreto
Era o que sentia, mas não chegava
Procurava em alguns cantos expelir tudo
Perguntava-se se era possível algo mais intenso e aliviador
Seria que era um abraço mais quente?

Um sonho quase realizado?
Quase?
Sim, quase.
Quase porque muito de si dava
Detalhava tudo em maravilha
Seus olhos brilhavam
Cantavam num sorriso entanto
Esperava com baita emoção
Roendo as unhas sem percepção
E o desapego daquilo que outrora possuía
Fez lhe perder a razão do que existia

Fazia falta ali
Não sabia bem como, aparentemente cavou um túnel, não era fundo
Apenas o fez à medida
Procurava oxigénio para seus pulmões e nada adiantava
Procurava maravilhas, alimentava seus olhos de verde
Colocou asas de borboletas para voar
Temia tanto a liberdade
Por muito se sentiu cativo
Borboletas preencheram o seu vazio
Ou melhor, via beleza em tudo mesmo que durasse uma estação
E temia que elas voassem

Pouco se dava conta, parou de cantar
Parou de respirar
Simplesmente parou
Parou com medo de que se abrisse seu peito
Soltasse sua voz elas voariam para bem longe
E voltaria a sentir o túnel que outrora seu próprio coração partido fez

A ÁRVORE DE CASA

A árvore da minha casa chora ao anoitecer, todos os dias quando o sol se põe, ela chora, suas folhas não são secas ou castanhas, são verdes vivas, seus caules são castanhos duros, mas ela chorava ao anoitecer, escorre dos seus troncos fragmentos de sentimentos ocultos que na hora do anoitecer eles aparecem, aparecem também as formigas mas não são as pretas, são as vermelhas que a fazem companhia, quando mas na verdade o que elas querem é o seu líquido doce, porque durante o dia elas desaparecem , ao anoitecer a árvore da minha casa chora ao lembrar da sua terra que ninguém passa sem passe, ou das terras dos antigos que ela pertencia, lembrava também ao amanhecer uns dos cânticos mais suave onde suas folhas batiam de leve nas janelas ao soprar do vento às quatro ou cinco da manhã ainda quando o céu estava na sua madrugada mas a melodia que cantava ficava ao ouvido, talvez é de saudade que a árvore da minha casa chorava.



CABELO

Um novo corte de cabelo
Para muitos é um renovo
Um visual para viralizar

Mas para outros uma inserção
Um peito sem batimentos
Um amanhecer sem sol
Era um pássaro sem canto
Uma flor que não se cheira

Um corte de cabelo
Também era corte na alma
Uma vaidade disfarçada
Era um pedido de ajuda
Algumas vezes era um soco no estômago

Outras vezes era água amarga
Veze sem conta cortam os trechos do conto
Rasgam as páginas de histórias antigas
E sem leitor nem narrador
Só o cortador

Gira o sol, gira a tesoura
Gira a bola na garganta
E gira a mente um pouco egoísta
Então chorou

Gritou
Falou alto
E voltou a cair
Condenar-se à tragédia
De ser esquecido e mal compreendido
Apreendido de alegria
E da paz modelada

Um corte vaidoso
É um corte de alma
Negligenciado por beleza
Lamentou de tristeza

NO SEU INTERIOR

Uma alma perdida
Quer voltar aos pés do Mestre
Distante, parece agreste
Num foco cauteloso
Até mesmo ignorado

Uma alma que volta a cantar
Da beleza da natureza falar
Chamada de doida para a diversão
Mas é a última actualização
E nos dias ruins
Espalha alegria sem fim

Temática a problema
Sem filtro e dilema
Há no seu peito uma coisa
Daquelas que não se descreve
Apenas se sente e contenta
Mas a ambição tem lhe sussurrado
Aos seu ouvidos palavras curiosas
Nalgumas vezes furiosas
Modera-se e se reflecte na água corrente
A fragilidade da cor contente



OUTRO TEXTO I

Um texto escrito
Que só será lido
Depois de ter partido

Um texto assim
Escrito por mim
Um texto sem tim tim

Um texto quente
De coração diferente
Sem alma do assistente

Um texto frio
De águas tranquilas a fio
Que corre transparente o rio

Um texto sem conto
Sem problemas de contorno
Sem assunto concordo

Um texto sem leitor
Fala de amor
Também um esquecedor

Um texto sem formatação
Completamente vazio de qualquer acção
Percebido de uma boa recepção
Um texto pra mim
Um texto pra ti
Um texto que sorri

Um texto de abraço
Diferente do aço
Mas em maço

Um texto amigável
Dotado do invisível
Antecipa e tira o véu

Um texto escrito com coesão
Quiçá lido sem emoção
Mas é dado de aberto coração

OUTRO TEXTO II

Conheço melhor meus textos
Melhores do que alguns que já tenha lido
Conheço melhor minhas afeições
Melhores do que as minhas paixões

Conheço melhor meu rosto
Melhores do que muitos que vi
Conheço melhor meus textos
Melhor do que as cantadas que tu sabes
Àquelas que me deram tintas de várias cores
Àquelas que fazem meu peito dar horas

Mas apenas eu conheço meu fiador
Melhor que tu...
Conheço-te a ti como ninguém me conhece a mim
Mas eu conheço as minhas intuições
Algumas nativas, outras proporcionadas

Conheço melhor meus textos
Melhores do que teu sorriso
Também conheço melhor tua voz
Melhor do que tu conheces meus sentimentos

Conheço melhor meu silêncio
Melhor do que quando falo sem frear



O PLANO

O que deveria ter feito?
Quais das reacções teria mais efeito?
Mas o plano era perfeito
Todo mundo sairia ileso

O que foi que eu fiz?
Não tinha como voltar mas eu desfiz
Mas o plano era de uma impetriz
Digno de uma atriz
O que eu poderia ter feito?

Nenhum deslize ninguém sairia
O plano foi traçado com sabedoria
E danos nem mesmo eu sofreria E
ninguém também saberia
O que eu poderia ter feito?

Quando mais ninguém via
Ali tudo acontecia
Na calada da noite alguém não vivia
Já ninguém sorria
Alguém sofria eu sentia
Mas o que eu poderia ter feito?
Quando eu também precisava de sorrisos



CHUVA

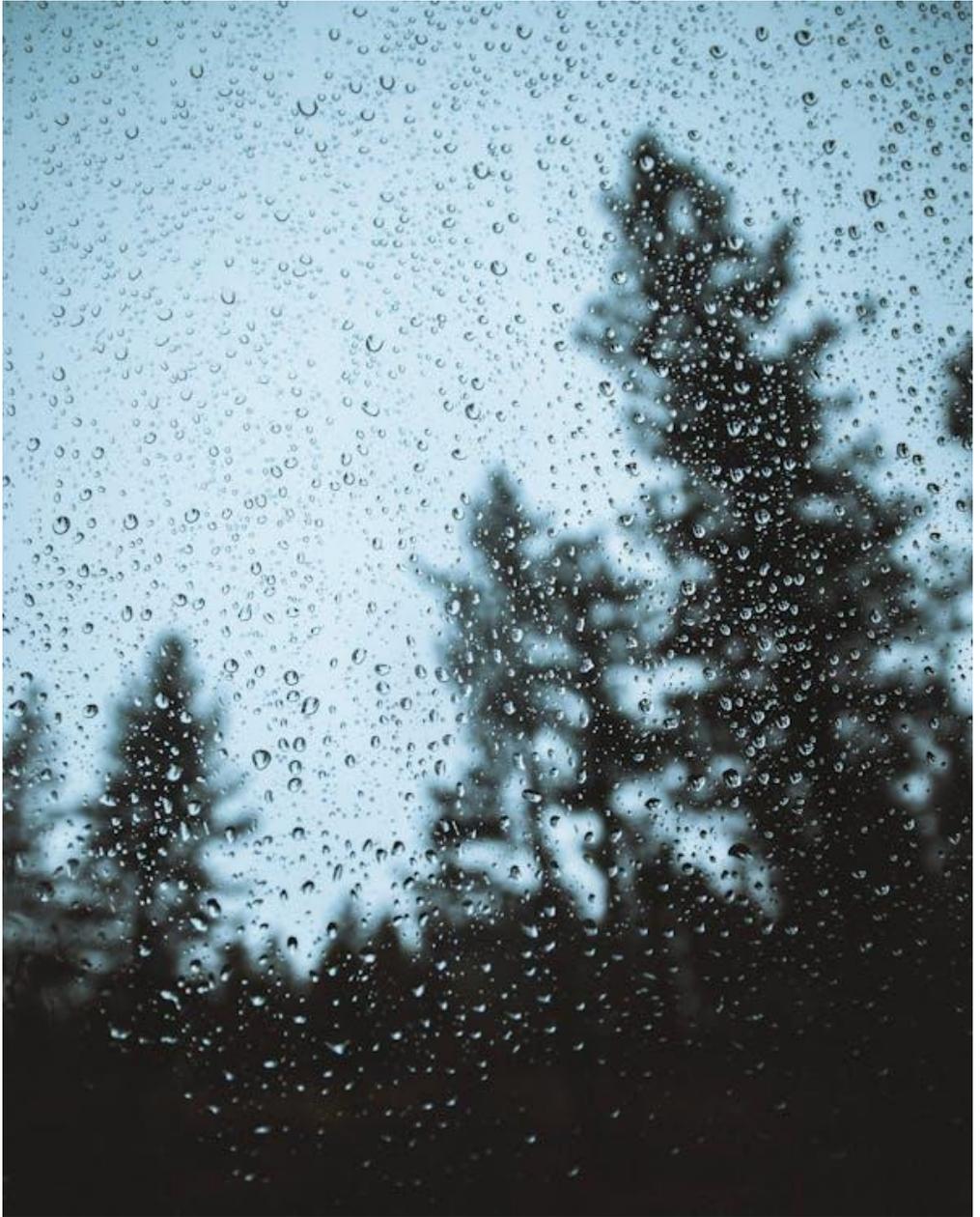
Cai a chuva no telhado
Cai outro rosto molhado
Cai outro corpo sepultado
E levanta outro curado

Cai a chuva no chão
Vai sorrindo depois do abraço
Doendo já o coração
Mas vivendo de emoção

Cai a chuva de uma alma contente
Transmitindo além do silvestre
Vai além do semestre
Uma alegria contagiante

Cai a chuva em corpos destroçados
Restaurando vivos lesionados
Homenagear descendentes enlutados

Trapacear corações de uns já mal amados
Mas cai a chuva...
Chuva que cura
Chuva com bravura
Chuva de frescura



CARTA

Sei que é pedir muito mas entenda minha grafia
É com tanta alegria
Das melhores simpatias
Sentindo a tua energia
Que te escrevo com cacografia
Essa linda carta sem passar pela academia

Por favor, não repares os erros
Estou agora saindo de um enterro
Que de corpo triste sou apenas um coveiro
Mas alma feliz ser também teu jardineiro
Por favor, não te rias da grafia

Mas é com inspiro
Que imagino teu suspiro
O caminhar dos teus olhos
Desenhando os meus catafunhos
Lendo cada letra do seu pobre estranho...

Palmas de terra eu cavaria
Para uns tantos instantes achar tua alegria
Porque tu já não sorris como dantes
O cheiro das minhas flores já não sentes
Teu corpo já não responde às vibrações dos pássaros
Andas com andar áspero
Menos gingado e mais amuado



O REI

Forçado a calar-se na sua censura, sem tão pouco se impugnar ao que de erróneo acontecia, foi se aprisionando na jaula da covardia que muitas vezes não foi preciso trancar por fora se por dentro seus temores o fez perder a essência. A cotio sem mostrar sua fúria tão pouco sua bravura perdeu a sua estrutura, ah, que atitude medíocre! Se ao menos levantasse a voz, mesmo que não seja feroz, alguém fugiria levoz, e se pisasse firme suas patas a terra tremeria e cairia aos bocados, mas o rei sem reino, sem rugido, e rígido a liberdade perdeu a razão da veracidade.



OUTRO TEXTO AZUL

É vida de ternura
Um aroma viajante
Olhar surpreso à esperança penetrante
Um contraste à melodia consoante
Tem cor quente transparente

Há beleza neutra ainda viva
Destaca-se em contacto com o céu
Complemento da natureza, é comovente
Nostalgia da beleza de pavão
É tímida a camuflagem
Na hora da despedida é como vilão

Tocando violão na melodia de uma poesia
É montanhosa escrita em prosas
Acredita-se também na emulação
Combina-se com o branco
Em todos os cantos
Tem sim, cheiro de hortelã
Talvez seja avelã

Na profundidade do oceano, a complexidade e a expressividade
Num grito sincero de sentimento
Mantém-se isolado do mundo
Transborda leveza e harmonia



TOM

É como folhas secas caídas no outono
Engrossado com acalmaria do mar
Suavizado com palavras doces

E deixa-se assim um belo contorno
Não são as palavras airoas que dizes
Nem tão pouco a qualidade delas
Parecendo cansada
Esforçando para sair
Mas sem esforço toca no meu eu mais profundo
Estando assim, como duas rochas batendo entre si
Prefiro ouvir mesmo assim
Não se compara ao Rouxinol
Se quer é angelical
Mas é historicamente ancestral
Toda ela marginal
Enquanto falas há uma chama ardente vulcanizar meu peito
Havendo uma combustão de ideia e a imensidão de fertilidade futuras
Toda concentração é foragida



APOSENTADO

Havia nas estrelas
No seu interior exposto
Um outro sítio para povoar
Preferiste ficar aos redores das internas
Era suposto conheceres outra lei um novo regime
Um sítio turístico para explorar
Mas descobriste que dois peitos podem estar contíguo
Talvez seja por isso que decidiste ficar Acreditar na telepatia
Numa versão da vida ainda descoberta
Que dois amores poderiam amar-se no intervalo de lugares



PELE

Pele que brilha ao queimar-se ao sol, sorrateiramente partilha contos de réis, ainda àqueles poucos, alguns já esquecidos, mas ainda assim se fala das corridas de catanas, caídas de cavalos, alguns tiroteios e gritarias, alguns suores de guerreiros e nalgumas noites depois de um longo dia esmero e cansaço de parto. Também a que transborda experiência de longas memórias, algumas dos condes, dos contentes, dos contratos e que cada poro do seu corpo foi transformado numa cicatriz de história de horror, lágrimas que desenharam mapa no rosto para encontrar o caminho para a liberdade, algumas eram mesmo de cobiça ao trono. Aos poucos foram se tornando sem dono, sem firma social, mas a fúria ainda estava no auge, o temor de não temer passou com o gorjeio da liberdade e a tranquilidade de uma forma aleatória se foi fortificando.



O ENCONTRO

Atentamente o universo partilha sinais
Que como criança são ultrapassados
De uma forma um pouco aleatória e toda a atenção recai
Recai para o mais fundo dos sentimentos
Falsa esperança para um coração sonhador
Perde-se para o vento
Um falaz presságio de amor
Um dia que há muito é planejado
Uma série de emoções que provavelmente serão trocadas
E uma pulga atrás da orelha é presente
Um conto que só será vivido nos esconderijos límbicos Seria agradável
um pouco mais de criatividade efémera
Um toque despercebido
Uma visão na esfera de como será vivido
Talvez uma tarde voluntária
Que com detalhes revelaria
Das conversações ociosas
Os mais diversos e neutros sentimentos
E tudo sairia de dentro
Mas ainda é indiferente
Cada exposição de segredos
Talvez será um desafio não incómodo
Um risco de estranho sem arriscados
E uma energia, vibração
Em tudo há conexão
Um cosmo apaixonante
Aposto que terá uma sessão intimista
A simplicidade e uma gota de espontânieidade faria ali toda diferença
Falaríamos das nossas artes
E uma dada de complexidade de emoções
Talvez ali mesmo seria um reencontro
Uns seres reatando a vida passada
E não faríamos ideia de que já estivéssemos aí



ESTRELAS

Cai a noite na cidade
E uma dada de emoção
Acompanhada de pequenos raios luminosos
Daqueles que são vistos de baixo para cima
Mas essas são vistas de cima para baixo

Cai a noite na cidade
Vejo-as aos pares de várias cores
Algumas individuais mas são intensas
Cada uma brilha mais violenta que a outra
É uma euforia para os olhos vivos
Uma nostalgia para os tristonhos

Cai a noite na cidade
E são acompanhadas de sentimentos ocultos
São pequenos encantamentos para cidade velha
Rejuvenesce sua beleza
É pura atracção turística
São móveis e dirigidas a colheitas
Algumas são verdes outras laranjas
Temos também brancas, no preto da noite é encantada
A cidade parece mais arranjada

Cai a noite na cidade
E uma espécie de sentimento domina todo ar
Fresco ao mar
Sem horizonte
E uma mansão infinita de luzes do céu para a terra Batendo recordes de
felicidade a cada anoitecer

Cai a noite na cidade
E são sequências de cenários que não serão pintados
Apenas travado uns instantes da memória uma série de calmaria
E os desejos serão perdidos na melodia do silêncio Onde os olhos
ganham vida e a fragilidade não faz distinção E cai a noite na cidade...

AQUELES SONHADORES

Há muito que o tempo já se fez ao nosso favor
De quando rimos por longas horas
Das vezes que passamos por um infame
Nossos rostos doeram tanto de tanto rir
Um descontente ilustrador

E quando nossos corpos por nós chamou
Talvez não ouvimos o pedido
Mas estava no desenrolar dos nossos olhos
Ficaria a promessa de que seríamos um do outro
Ou os pensamentos ficariam perdidos no universo
Abandonado como uma cria
Sem um confiandente e o segredo será esquecido

E a cada ida e vinda
O toque nunca foi despercebido
O caminho na voz cegamente eu ia
Infinitamente o tempo de vez em vez
Fez das suas com os planos
Mas trarei nas minhas lembranças
Momentos que acabomos não em danças Em abraços ao anoitecer

Talvez sem nos conhecermos
E um sorriso daquilo que não chegou a acontecer
Não foram promessas
Antes fosse abertamente os detalhes revelados
Daquelas que não são confidenciais
Mas recentidas na praça aberta
Na verdade, eram os intensos olhares

Sorrisos inocentes
Uma tarde sem chatice
Apenas descontração
Talvez fosse normal ou não
Que diferença faz, se os sonhadores acordaram

E SE EU...

Falasse das coisas que não fariam sentido?
Vestisse roupas menos coloridas?
Desistisse de tudo?
Parasse de olhar pra ti
Será que ainda sentiria ternura no teu olhar?

Será que seria um amor daqueles que não se prende?
Seria um amor para nós nos amarmos?
Aquele que se deixar ir só por amar

E se talvez eu fosse como ela?
Ela que tem um sorriso mais vivo
Uma voz mais doce
Ela que fala de tudo contigo Será que ainda olharias pra mim com paixão?
Darás incentivo para a positividade?
Falarias comigo em desabafos de madrugada?
E se a minha companhia não for boa?
Serás que me farás sentir rainha?

E se eu parasse de falar das coisas de que gostas?
Talvez das que nunca falei
Darias um pouco de ti para falamos?
Ou ficaríamos juntos apreciar o silêncio?
E se no final eu me esquecer de ti?
Será que te vais lembrar de mim?



FOGUEIRA I

Um das outrasutra coisas que me deixou a interrogar durante um breve devaneio pelas ruas que muito passei, algumas vezes indiferente, mas nesse dia não, havia uma atmosfera diferente, um cenário que não foi fácil de esquecer e que muito tempo ficará guardado, foi ver uma roda de pessoas em volta da fogueira, achava que só estavam sem nada para fazer, na verdade, estavam sim, estavam cabisbaixo depois de um longo de dia fúnebre. Já ninguém chorava, apenas se sentiam acolhidos com o jogo de luzes naturais e quiçá quentes pelas altas horas da noite. Naquele dia era como um abraço aliviador, uma anestesia para o sofrimento do coração que chorava e de dor tanto que gritava em silêncio, as chamas disfarçavam o semblante abatido, mãos sobre o corpo e aquele olhar distante no vazio das chamas, uma visita às memórias que por um tempo serão eternizadas, as fracções mínimas do tempo em que tudo era deles, já não havia desespero, tudo foi jogado nos jogos de luzes a carvão.



FOGUEIRA II

Outro caso foi quando em volta dela outros dançando aos batuques rituais e panos na cintura, riam e contavam narrações nos passos e noutros compasso de danças, a energia era tanta que a vibração foi até outro lado da rua, quando em notas partilhavam histórias "no meu tempo..." diziam, até mesmo o mais amuado entrou e participou da cerimónia, lá todos eram convidados, também acolhidos. Aparentemente aquele fogo não se apagava, mais pessoas, mais brasas, mais brasas mais histórias, mais histórias mais memória, mais memórias mais euforia e mais euforia e uma gota de tempo é retrocedida.

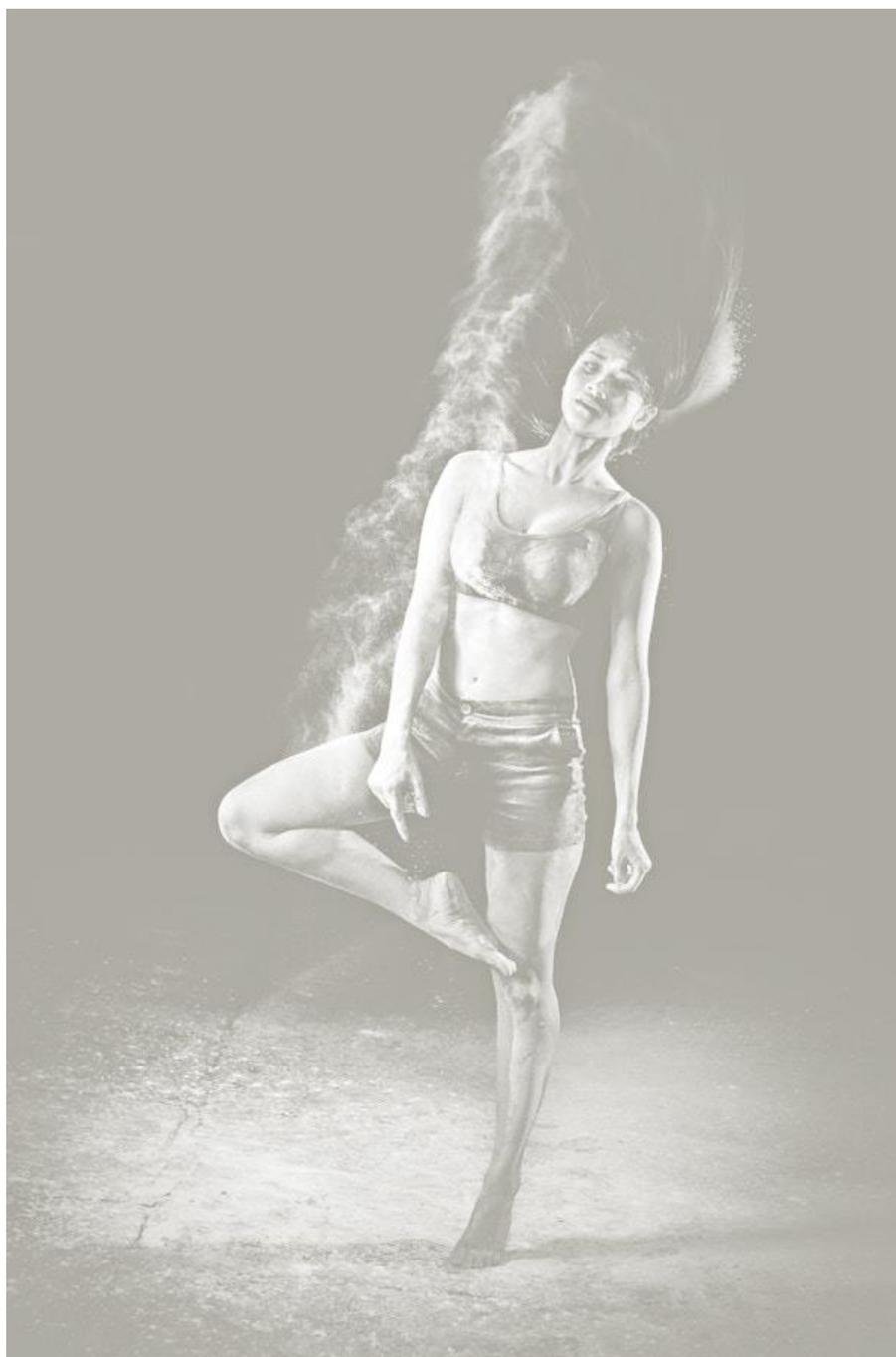


DANÇA

Liberdade para dançar
Manifestar e transmitir mensagens
Compor notas que não serão decifráveis
A cada movimento é uma ondulação
Com o pano na cintura e missangas nos pés, conta-se história

Os movimentos são comunicações a ancestralidade
Ao contacto com a natureza sem uma tradição
Aqui se dançam passos da terra
A qualquer melodia
Dançamos à criança
Dançamos à bordel
Tirando o véu
Tocando o céu
Partilhando crenças

Ainda mesmo que o tempo pare
Sem batuques ou tambores haverá uma dança nos ventos das árvores
Na correnteza do rio
No entardecer do dia haverá um dançante sem melodia
Dançamos contemporâneo ao expressivo
Transmitindo nas nossas intenções beleza
E a interpretação é com clareza



FLORES I

Minta

Minta pra mim só um pouco

Minta que me sentes quando regas as Tulipas

E que nossos Cosmos serão internos

Minta para mim

Minta só um pouco como eu giro como o Girassol

Que sou bela como a Rosa

Que cheiro como a Flor-de-cerejeira

Diga que eu sou radiante como Íris

Natural como as Margaridas

Egoísta como os Narcisos

Poeta como os Lírios



FLORES II

Nega as minhas dores
Nega os meus amores
Alguns sonhos melhores
E outros com cenários piores

Rega a chuva minha terra
Lava meu ser e encerra
Sepulta meu desejo indesejado
Está feliz meu corpo enterrado

Que nasçam hoje fetos fortes
Onde os tecidos rasgados floresçam
Ambientam o silêncio os cortes
Num campo onde diferenças não cresçam



A FARSA

Ainda sobre aquele sentimento
Aquele que não se sabe falar
Mas que carrega um enorme fardo
Que faz doer o coração
Só de imaginar já começa doer

Então, agora o que resta?
Mais uma manhã que amanhece só
Mais uma noite que anoitece só
E se acaba como veio ao mundo, só

Então que venham os dias mais soberbos
Que venham os dias cheiíssimos de malícias
Que venham os momentos de desistir
Muito que já persisti, já insisti e pouco consegui

Então que venham os dias em que as noites continuarão longas
Que venham fórmulas químicas diferentes em cada emoção
E eu, eu que falo sorrindo de mim mesmo

Eu que falo sorrindo de mim mesmo
Falo sorrindo das minhas ruínas
Eu que falo sorrindo dos apesares que fiz

Eu que falo sorrindo de mim mesmo
Dos conselhos hipócritas que sejam livres e vivam
Dos amores que só eu conheci
Dos sentimentos que deixei de lado

Eu que falo sorrindo de mim mesmo
Das montanhas de mentira que digo a mim
Dos corações transformados em caco
Eu que falo sorrindo dos meus medos

O CAMINHANTE

Caminha o caminhante sem caminho, exausto sem fadiga, na estrada sem asfalto, numa floresta sem grandes árvores, flores, plantas e nem animal. Corre o homem assustadiço com silêncio, mas sem pernas, sem altos e baixos para a gravidade fazer sua parte, sem vento nem norte ou sul, está ofegante sem ar para seus pulmões vazios, quase sem ar mas não há na floresta densa do vazio de verde e castanhos. Então corre o homem assustadiço mas sem meta ou um amparo, homem caminhante da noite que sem noite não vê as suas estrelas e se perde no além da caminhada. O quê que era para sentir, para ver ou apalpar nada senão a si próprio?



UM SÓ

Carne da minha carne é assim que sente meu corpo
Sinto também que o universo é paralelo só pra nós
Raramente se encontram os mesmos defeitos perfeitos
Uma concentração medonha ainda ardilosa
Um sonhador com dor e sem cor
Mas que sonha com um mundo com licor e sem dor
E num temporal sem tempo estranhamente contando os segundos
Se desfaz o presságio apresentando ruínas
Mas construí uma nova versão do universo paralelo
Aqueles que nunca chegou a conhecer
Outros que se se desconhecaram
E nós que nunca nos conhecemos
Mas sente meu corpo a ancestralidade o sentimento mútuo
Mudo de toda curiosidade na ponta da língua
Um desejo quente ao gelo do peito
Olhos que estão fechados para o mesmo verso
E chega a parte mais doce que não se come
O desejo morto pelos principais protagonistas da vida
E a esperança do desejo transferida pelo descomunal do universo
paralelo

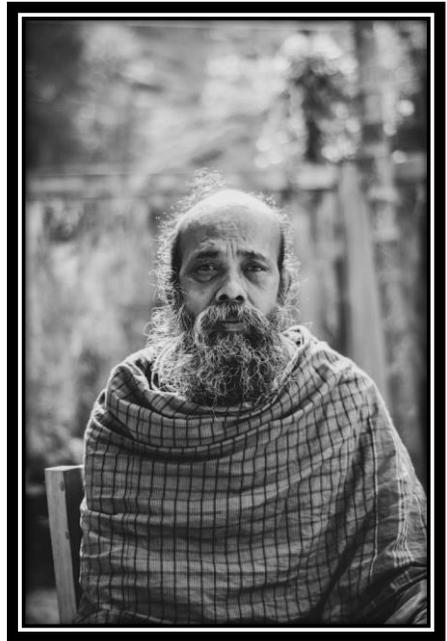


VIVA

Viva o dia quente do sol amarelo e vermelho
Viva a vida ao envelhecer
Corações de vidro vendido por dois vinhos
Sem vigor nas palavras ditas

Violentam mentes virtuosa com o vírus da vingança
A velocidade da verdade mal ouvida
Lamento que seja volátil para as nuvens
E com vontade e tranquilidade se possa viver

Então que vivam os verdadeiros leigos felizes
Que vulcaniza a viabilidade da liberdade da língua
Que viralizem os dias de firmeza e a coragem
Que se mantenham as meditações vigentes



CANTA MEU PEITO

Canta meu peito a todo tempo
As músicas que só eu danço
Os ritmos sem sonoridade
Causando guerra na paz que desperta

Canta meu peito a todo tempo
Levando-se ao topo
Sem desdém
Abraça-se o altruísta

Canta meu peito a todo tempo
O nascer do sol
O escurecer do dia a vapor

Canta meu peito a todo tempo
O brilhar das estrelas
As mais intensas
Outras mais débeis
E amo todas elas

Canta meu peito a todo tempo
As melodias que eu sei, ouvi
Algumas que apenas eu cantei
No tagarelo das notas tortas

Canta meu peito a todo tempo
A vontade noturna do cruzeiro
O verde das paisagens do azul
Num calor da empolgação
E o êxtase para alma descansar

Canta meu peito a todo tempo
Os momentos que ficaram penderes
Sem anseios para a verdade Qual verdade?
Canta meu peito a todo tempo

A velocidade das paixões
Os sorrisos genuíns de criança
Canta meu peito a todo tempo
A liberdade dos cativos
A esperança para os famintos
Sem criação entoam hinos

Canta meu peito a todo tempo
O tempo que sobra dos segundos
Segundos passados e aproveitados

Canta, meu peito, a todo tempo
Marcando território inimigo
Peito audaz que vai cantando

Canta meu peito a todo tempo
Canta meu peito a todo tempo

POETIZAR

O escrevedor só escreve
Todas as palavras com significado
O poeta em nada acha um sentido
E escreve o que não vê

O escrevedor procura razões
O poeta encontra emoções
O poeta sente sentimentos
Muitos deles não são seus sentidos

Outros desenvolve
Se perde nos que não sente
Em todas as palavras as converte
O escrevedor nas suas dúvidas

Acha tamanha dádivas
Sem palavras descreve numa só
E se contenta nos seus dons
O poeta orgulhoso da sua boca
Ah, ó poeta que tudo há promessa verbal
Ó poeta dicionário ambulante
Pior confidente sem igual
Não fala e consente

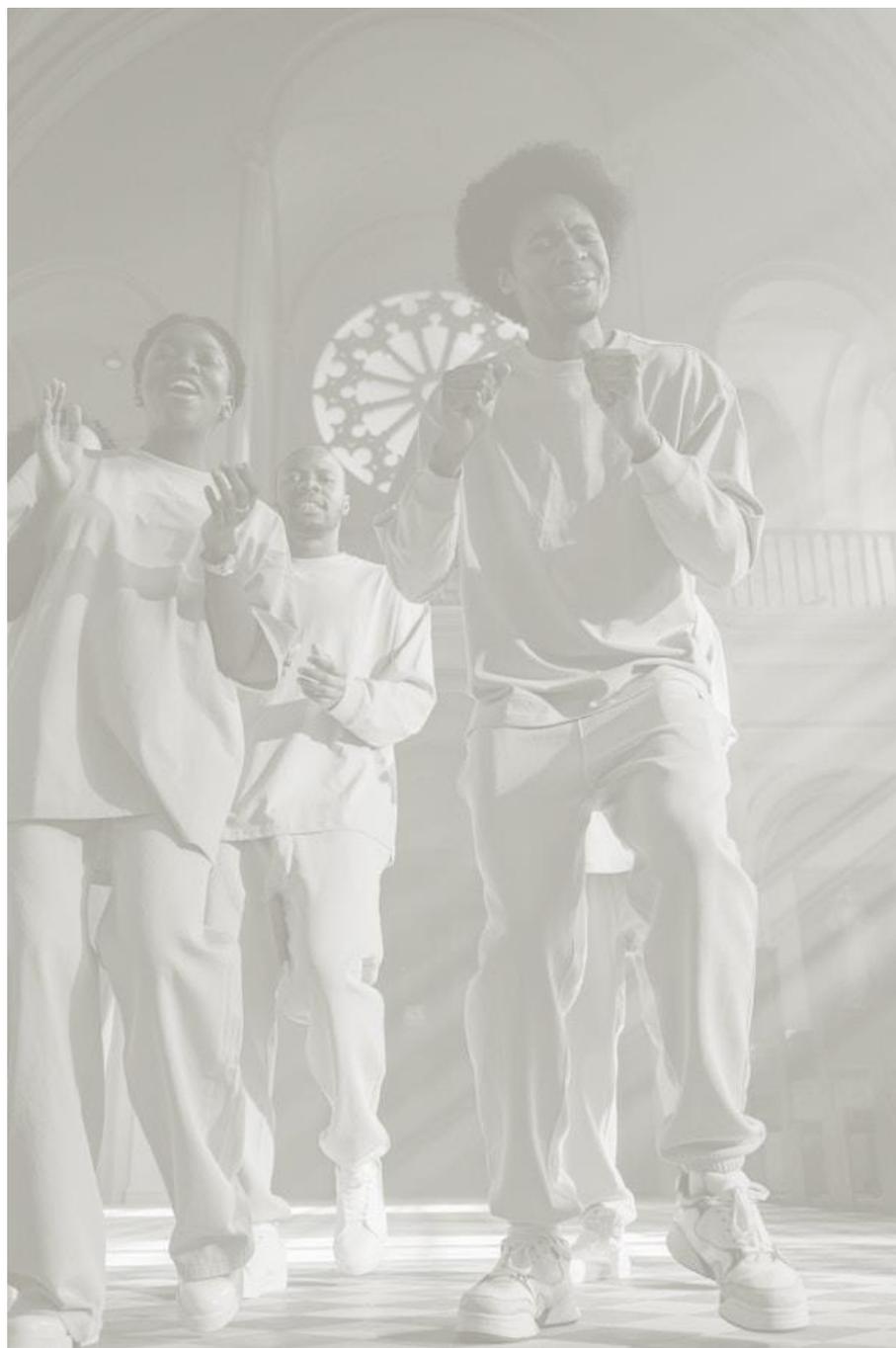


A NOSSA CANÇÃO I

Toca minha melodia
que me traz
sentimentos meus

Toca minha calma despe-me
a dureza e deixa meu
ser firme e sem acção

Tira tudo aquilo que não era
meu ao ver que tudo que
também era se faz sem que os
dias passam em branco como
neve nos meus sonhos de
criança que eram
agridoce



A NOSSA CANÇÃO II

Troca de voz vez de uma
outra melodia que canta e
que deixa uma marca
quando ouvidos aos pares
me fazes cantar com alma
ao bichanar da nota sem
filtro cheia de sentimento

Mas é só minha canção que
ambos ouvimos no meu
apesar nocturno até mesmo
abraçados quando me esqueci
de ti ouvia nos teus braços a
minha canção perdida entre
muitos e outras mal ouvidas
assim como quem pede ajuda
e não é socorrido aos bocados
quando se afogava na sua
solidão disfarçada de solitude

e quando passa na
companhia da melodia um
flash o meu nome sei que
atropela teus pensamentos
desejos
euforia ou
nostalgia
só tu sabes como é
pensar na canção
que só pertence
a mim

mas eu sinto como
ninguém a mesma
densidade e frequência
tanto quanto como da
primeira vez os mesmos
sentimentos desejos
euforia e sempre a
mesma nostalgia

A DESPEDIDA

Se a terra fosse minha mente
Mentiria perspicazmente
Tramaria contra cada sentimento
Mobilizar todos no contentamento
Talvez diria adeus às minhas comoções
E assim não teria eu reacções

Se a terra fosse minha mente
Sem rachadura no meu peito como chão
Não sentia nada se não compaixão
Outra visão mais branda
O que era para ser
Tinha que ser sem ser exortada

Sem pensamento de dolo
Escreveria carta de consolo
Alma ventada por ditaduras fortes
Coração tanto que tenta sem cortes
Havendo qualquer progresso sente-se fracote

Talvez meus tempos fossem mais leves
Perpetuar em frações de milésimos enleios interiores
Para que a alma someasse sorrisos neves

E se partida fosse mais leve?
Talvez a saudade não causasse tanta dor
Os pensamentos de pensador A voz do sábio
Seriam ingénuas a velocidade
E suas palavras cantadas ficariam

Ouviria rumores
Alguns acusando tumores
Outros sem tempo às questões
Agita minhas emoções
Sem mar rémige forte sem direcção

Sem mente e sem terra
Completo vácuo e frio
Viveria sem sofrer o meu corolário
Insolvente das finanças mal feitas

ARDE

Se esse fogo fosse mais denso, veloz e sem controlo, aposto que o mundo não só em chama ardia mais também de fúria dos desejos, se o homem fosse melhor ou inútil das suas ideias morreria no passado presente com o rosto mas lento do século, alma sem vida dispersada dos seus tantos que não já se sente um, um em todos, apenas ninguém que ele mesmo nem vê, sente ou pensa, sem soma sem resultado, apenas ambulante sem ferir os passos, tão vago quanto se vê inútil, fogo que não arde sequer queima , mas se arde a vontade do basta no sei peito, homem dos fracassos e sem graça e ninguém o chama, apenas ambulante invisível.



CLEÓPATRA

Cleópatra, oh, Cleópatra!
Que as emoções à flor da pele são ingmas
Em plena juventude sua criança não escapa
Algumas vezes ou nenhuma vez se perde nos pensamentos

Oh, Cleópatra
Que canta na poesia da sua alma
É aluna e não aprende nada, mas faz sempre o seu dever
Esqueceu-se de si e não vive como queria
Fala baixo e guarda seus sentimentos, consumindo por dentro ela grita
E o corpo dói e a alma morre
Mas sua felicidade é como seu reflexo
Revela verdade e nalgumas vezes esconde verdade

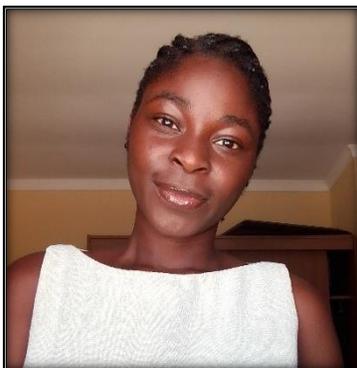
Oh, Cleópatra
Perde-se na infinita solidude os dias de solidão
Como sol , sorrir é a solução
Sem corpo mas entregar-me de corpo e alma
Cai e nega a realidade

Oh, Cleópatra
Gosto de doçura no teu olhar
A expressão das suas reacções
A calmaria que toca sua música
O teu preto e branco como o animal que há em ti
Sendo modesta as suas crenças encantadas

Oh, Cleópatra
Resistente, resiste ao furacão sem duração
Cativam-se as estrelas e alimenta sua esperança
Dança com as borboletas ao seu redor
Pinta teu mundo de várias cores
Cleópatra, oh, Cleópatra
Cicatrizas tuas cicatrizes

Que quer voltar às suas raízes
Cleópatra dos meus olhos
Ouvi nos meus ouvidos a tua poesia
Mais do que tu possas enxergar
Em ti vejo versos que ninguém lê
Ritmos que ninguém dança
Cleópatra dos meus olhos
Que sorri a alma que canta
Cléo, Oh, Cleópatra

AUTOBIOGRAFIA



Telly Belito, segundo o bilhete, Albertina Munengue Belito, nascida aos 15 de Maio de 2003, na província de Cuando Cubango, residente na província da Huíla município Lubango, estudante do curso de Psicologia.

Telly Belito começou a escrever em 2020, mas só em 2021 se apresentou como poetisa numa actividade da Rumo Sem Remo.

Cleópatra é a sua primeira obra literária.



CLEÓPATRA

TELLY BELITO

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 00 244 923 407 949

Projecto gráfico

Mukereng Cardoso



TODOS OS DIREITOS DESTA OBRA RESERVADOS

TELLY BELITO

Esta obra está protegida por

Leis de direitos autorais na "CPLP", "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais -

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

